

6.

Os contextos sociais das famílias de Vila Rosário

Neste capítulo, examino a construção dos contextos sociais, ainda sob o olhar feminino, das mulheres entrevistadas. Tratarei aqui das condições de moradia e das relações de vizinhança entre os moradores e das dificuldades de acesso aos serviços públicos, buscando entender as condições socioculturais e econômicas em que vivem os moradores de Vila Rosário.

6.1. Condições de moradia e suas relações de vizinhança

No Morro do Sossego em Vila Rosário, entrevistei mulheres membros de famílias, cujas casas são consideradas espaços sociais fundamentais, *loci* da instituição das famílias (cf. Woortmaann, 1982), por meio das quais se constituem como pessoas e, mais além, como participantes da sociedade mais ampla.

A casa é um importante patrimônio material e simbólico. A oposição complementar entre casa e rua é uma metáfora privilegiada para a compreensão de diversos aspectos da sociedade brasileira (cf. DaMatta, 1985; Freire, 1990). Porém, tanto a dimensão material quanto a dimensão simbólica da casa têm pesos e significados distintos nas diversas classes e segmentos sociais.

Segundo Guedes e Lima (2006), para os trabalhadores urbanos de baixa renda que têm sua inserção na sociedade constantemente ameaçada pelas imensas dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, o acesso a uma casa (que representa a inclusão em uma família) pode representar a diferença entre a possibilidade de se manter nos segmentos mais estabilizados da classe trabalhadora ou de se transformar em um morador de rua ou, nas palavras de Neves (1983), naquele “trabalhador que não deu certo”.

Nos locais por mim visitados, as casas, em geral, são delimitadas por cercas de diversos tipos, muros e portões, nem sempre fechados, com lugares bem delimitados para os visitantes, que só devem entrar quando convidados. Valladares (1980) registra essa preocupação com o estabelecimento de muros ao redor dos terrenos, ressaltando a importância da casa como um espaço “sagrado” no sentido da autonomia e da privacidade que ela fornece. A autora destaca que

“quem não pode construir muros revestidos de tijolos, improvisa cercas com os mais variados elementos (tábuas, folhas, cabos de vassouras, molas de colchão etc.)” (p. 102).

Como postula DaMatta, na realidade brasileira, "casa, rua e outro mundo" compõem espaços específicos e complementares, que pressupõem determinadas formas de agir. Para além dessa observação mais ampla sobre a sociedade brasileira, no segmento social específico que analiso, os muros físicos e metafóricos que cercam a casa delimitam o que se deseja que seja visto. Aliás, em Vila Rosário, controlar a reputação familiar é bastante difícil, tendo em vista a intensa proximidade física e a sociabilidade local.

Foram nos fronteiros portões que se deram os primeiros contatos com os moradores, quando não o lugar onde se efetivaram as entrevistas. Aliás, aprender as regras de etiqueta das casas dessas famílias foi uma das minhas primeiras experiências como etnógrafa e condição para a continuidade das visitas, pois não seria bem vista sendo "entrona" e, mais ainda, sem a companhia e a indicação de minha colaboradora de pesquisa.

- | | | |
|----|---------|--|
| 7 | Marília | então você:, nasceu aqui |
| 8 | Silvia | nasci aqui, nasci em duque de caxias, <u>daí eu to vivendo</u> até a |
| 9 | | data de hoje |
| 10 | Marília | uhum |
| 11 | Silvia | em vista do que era aqui, tá <u>bem</u> melhor, cem por cento, |
| 12 | | melhorou <u>muito</u> () aqui era:, aqui antigamente era tudo |
| 13 | | aberto ((apontando para os fundos do quintal)), agora fizeram |
| 14 | | casa, o terreno fechou:, que entrava aqui, saía aqui, saía no outro |
| 15 | | beco:, né custódia, dona custódia não sei se cê lembra↑ () é que |
- Fragmento 6.1a – Condições de moradia e suas relações de vizinhança

Silvia inicia o tópico, respondendo minha pergunta indireta (linha 8), feita como afirmação, indicando ser nascida e criada na região. Com essa afirmação, a entrevistada parece me preparar para o que é dito, isto é, tudo o que ela disser será com propriedade, de alguém que conhece a região há pelo menos trinta anos.

Ela começa a falar sobre o seu terreno por meio de uma comparação entre o presente e o passado, afirmando as melhorias ao longo do tempo “ta bem melhor, cem por cento, melhorou muito” (linhas 11 e 12), reforçando essas melhorias por meio da ênfase nos intensificadores “muito” e “bem” e em uma “porcentagem” que também enfatizaria essa grande transformação positiva do local. A

entrevistada continua esse processo de valorização trazendo características passadas, acompanhadas pela forma adverbial “antigamente” e pelas formas verbais “era”, “entrava” e “saía” (no pretérito imperfeito, indicando a rotina em que viveu durante muito tempo). Contrapostas a esse passado, estão novas características acompanhadas pela forma adverbial “agora” e pelas formas verbais “fizeram” e “fechou” (no pretérito perfeito, indicando um passado mais recente). Para ratificar o que está dizendo, ela recorre à memória de Custódia: “né custodia, dona custodia não sei se cê lembra↑” (linha 15).

Em um ponto mais adiantado na entrevista, eu retomo o assunto, buscando mais informações sobre a ocupação do terreno:

- | | | |
|-----|----------|---|
| 75 | Marília | entendi () aqui então era tudo aberto né↑ |
| 76 | Silvia | <u>aqui era aberto</u> |
| 77 | Marília | era, o que, aqui do lado é tudo, todo mundo: |
| 78 | Silvia | tudo casa, não é: era aberto, só depois de:, não sei o que que |
| 79 | | houve aqui, que eles fizeram, cada um as suas casas, encostaram |
| 80 | | cada um, colaram casa com casa () tanto que tem uma:, essa |
| 81 | | casa aqui debaixo, é pegada da minha, da minha parede |
| 82 | Marília | mas não [é parente não né] |
| 83 | Custódia | [mas então é daquela senhora?] |
| 84 | Silvia | é pegada da minha parede |
| 85 | Custódia | é da marli↑ |
| 86 | Silvia | é |
| 87 | Custódia | mas a marli é o que sua? |
| 88 | Silvia | nada () eles colaram, parede com parede |
| 89 | Custódia | a: eu pensei que ela fosse parente sua |
| 90 | Silvia | não:, não é nada meu não () eles colaram, parede com parede |
| 91 | Custódia | e pode? pode não |
| 92 | Silvia | <u>num pode</u> , mas vai a gente falar, que <u>eu</u> tô errada porque a |
| 93 | | gente abriu pare- janela pro lado deles () é, e daí então a gente tá |
| 94 | | vivendo assim, eu e meu esposo, do jeito que a gente pode () |
| 95 | | não pode reclamar, se reclamar, eles pegam negócio, arrumam |
| 96 | | confusão, bagunça () eu to de um jeito que eu não quero |
| 97 | | arrumar confusão por mais nada () a gente vai morrer e não vai |
| 98 | | levar nada no caixão () <u>se puder levar</u> , uma roupa, <u>se</u> |
| 99 | Custódia | <u>se vestirem</u> |
| 100 | Silvia | é, mas [aí tá aí] |
| 101 | Custódia | [se não vestir vai pelado] |
- Fragmento 6.1b – Condições de moradia e suas relações de vizinhança

Na linha 77, tento formular uma pergunta para saber quem seriam os moradores que habitavam à volta de sua casa, porém, não a formulei com precisão, já que Silvia foi uma das primeiras entrevistadas, por isso ainda tinha receio de formular determinadas perguntas para não ser considerada “entrona”.

Em decorrência disso, nas linhas 78 a 82, a resposta de Silvia fica sem foco e informa sobre a organização do terreno, o que também, no fim, me foi muito útil para atentar sobre a organização do terreno como um todo e as questões sobre privacidade.

Ao longo de sua resposta, Silvia constrói um processo desordenado de feitura de casas a sua volta, parecendo partir de um evento específico o qual ela desconheceria: “não sei o que houve aqui, que eles fizeram, cada um as suas casas, encostaram cada um, colaram casa com casa” (linhas 79 e 80). O motivo maior de seu descontentamento com a situação começa a ser trazido a partir da linha 80: “tanto que tem uma:, essa casa aqui debaixo, é pegada da minha, da minha parede”. Essa proximidade física das casas tão grande coloca em xeque a privacidade da família de Silvia, visto que “relaciona-se com o controle da reputação familiar e liga-se à importância atribuída às avaliações locais sobre a família e sobre cada um de seus membros, num complexo ‘código de honra’ local” (Guedes e Lima, 2006, p. 137).

Esse “código de honra” local parece não ter sido respeitado no momento em que os vizinhos de Silvia necessitaram fazer seus “puxadinhos” para atenderem ao mesmo tempo “à prescrição de residências neolocais para novas famílias de procriação e às enormes dificuldades para obtê-las” (Guedes e Lima, 2006, p. 139).

A partir da linha 83, Custódia entra efetivamente na conversa, buscando quem seria a moradora responsável pela casa que invade a privacidade de Silvia: “mas então é daquela senhora?” (linha 83); “é da marli?” (linha 85). As perguntas feitas demonstram que minha gatekeeper conhece bem a vizinhança daquele beco, devido ao trabalho como agente de saúde comunitária e como moradora atuante. A única informação que Custódia parece desconhecer é o fato da vizinha de Silvia ser ou não ser sua parente. É interessante notar que, ao perguntar se havia alguma relação/consideração de parentesco, Custódia parece buscar justificativas para o fato dos vizinhos “colarem, parede com parede”, o que, seria lícito, segundo a moralidade que media as relações entre os trabalhadores urbanos. Nesse sentido, a cessão de um espaço do terreno para a construção de uma casa não seria incoerente, visto que, num contexto familiar em que impera o conceito de ajuda, seria lícito permitir que um parente aproveitasse um pedaço do terreno para reduzir seu custo de vida, isentando-se do aluguel.

Porém, como não são parentes nem se consideram aparentadas, Custódia questiona a atitude da vizinha de Silvia: “e pode? pode não” (linha 91). Na linha seguinte, a entrevistada responde enfaticamente: “num pode” (linha 93), demonstrando mais uma vez sua insatisfação. E continua, trazendo aquilo que poderia ser considerado o (maior) motivo de desavença entre Silvia e a vizinha: “porque a gente abriu pare- janela pro lado deles” (linhas 92 e 93) e parece se sentir ofendida por uma acusação que pode ser inferida no excerto: “mas vai a gente falar, que eu to errada” (linha 92). Com a ênfase no pronome “eu”, Silvia mais uma vez marca sua indignação com a inversão da culpa, já que, teoricamente, ela e sua família teriam toda a liberdade de manterem uma janela aberta para quaisquer lados da casa.

Logo a seguir a esse momento de reclamação, Silvia constrói a si e a seu marido como conformados com a situação de perda de privacidade e justifica a falta de atitude contra a família vizinha: “não pode reclamar, se reclamar, eles pegam negócio, arrumam confusão, bagunça ()” (linhas 95 e 96). Nessa construção, Silvia coloca a si e a sua família em um “patamar” diferenciado da família vizinha, já que se pode inferir que a família ao lado não resolveria a situação de forma amigável, criariam mais problemas (de acordo com os termos selecionados “confusão” e “bagunça” (linha 96).

Mantendo essa construção de diferença de comportamento entre as famílias, Silvia se destaca da própria família e conclui: “eu to de um jeito que eu não quero arrumar confusão por mais nada () a gente vai morrer e não vai levar nada no caixão () se puder levar, uma roupa, se”. A entrevistada faz uso do tema da morte para exemplificar o desapego que deve existir às questões do mundo material, o que será reafirmado por Custódia, cujo pai tinha perdido há pouco mais de uma semana.

Silvia também fala das questões de segurança, cuja violência e o medo foram apontadas por Costa Neto (2002):

- | | | |
|----|--------|--|
| 16 | Silvia | a: na época tinha matador, tinha muito bandido, agora <u>dizem</u> , |
| 17 | | <u>dizem</u> que ainda tem, mas a gente não vê nada disso () em vista |
| 18 | | dos rapazes de hoje em dia tá bem melhor () aqui também; |
| 19 | | num:, não é um lugar ruim de morar não |

Fragmento 6.1c – Condições de moradia e suas relações de vizinhança

Ao falar especificamente de seu local de moradia, o Morro do Sossego, Silvia parece alocar os problemas no passado e, mais uma vez, segundo seu estilo, constrói mais uma contraposição entre passado e presente do Morro. O passado, dessa vez, é marcado pela locução adverbial “na época”, cuja marcação temporal é imprecisa e sem referentes ao longo da entrevista, e pela presença do verbo “tinha” (empregado no pretérito imperfeito), marcando a rotina em que viveu. O presente é marcado pelo “agora” e pelo verbo “dizem” (na terceira pessoa do plural do presente do indicativo).

A escolha desta última forma verbal é bastante significativa, pois, além de indeterminar o sujeito que relataria essas informações sobre a segurança local, ainda trazem, devido à repetição do verbo (“agora dizem, dizem que ainda tem”), o descompromisso de Silvia com o que diz, já que ela pode estar passando adiante uma informação inverídica. Porém, ela deixa bem clara sua impressão pessoal, com sua experiência diária: “mas a gente não vê nada disso” (linha 17) e termina avaliando os moradores jovens do sexo masculino do Morro e o lugar que mora de uma forma geral: “em vista dos rapazes de hoje em dia ta bem melhor () aqui também num:, não é um lugar ruim de morar não”.

Maria, também preocupada com a privacidade e a violência, ao contrário de Silvia, não reclamou da vizinhança, mas tomou para si a incumbência da improvisação de uma cerca, já que ninguém a fazia:

- | | | |
|----|---------|---|
| 73 | Marília | e a questão do muro que a senhora tava falando aqui com a |
| 74 | | custódia↑ |
| 75 | Maria | <u>ai</u> ((suspirando))... é aqui atrás, a passagem dela ((apontando |
| 76 | | para custódia)) que cortou aqui atrás |
| 77 | Marília | a tá, °entendi° |
| 78 | Maria | daí, no caso, a menina aqui falou que ela ia fazer o muro, não |
| 79 | | fez, eu fui botei::, botei pau... cerquei de pau pra ninguém |
| 80 | | passar mais pra lá e pra cá... mas não é por causa dela |
| 81 | | ((apontando para custódia novamente)), mas por causa dos |
| 82 | | meninos de noite que >passavam pra cá, passavam pra lá<, aí eu |
| 83 | | fui, cerquei |
| 84 | Marília | °mais segurança né° |
| 85 | Maria | é... quem vem de lá pra cá dentro de casa não tem mais |
| 86 | | passagem, entendeu, passagem termina aqui |
| 87 | Marília | °entendi° |

Fragmento 6.1d – Condições de moradia e suas relações de vizinhança

Na linha 73, peço informações sobre o cercado que foi feito, já que, assim que se cumprimentaram, Maria havia indicado a divisória à Custódia como

novidade. Nas linhas 75 e 76, Maria mostra o cercado e me esclarece que Custódia mora na casa ao lado, informação que até aquele momento eu desconhecia. Segundo Maria, houve uma promessa, que não foi cumprida por uma das vizinhas, e, por isso, ela resolve tomar suas providências: “eu fui botei::, botei pau... cerquei de pau pra ninguém passar mais pra lá e pra cá...” (linhas 79 e 80).

Assim, tal como em Valladares (1980), Maria, com a construção do muro improvisado, promove a sacralização de sua propriedade, agora autônoma e privada. E emenda, parecendo não querer macular a imagem que eu tinha sobre minha *gatekeeper*: “mas não é por causa dela” (linha 80). Logo a seguir, traz o que seria o verdadeiro motivo: interromper a passagem de “meninos” durante a noite, sem deixar claro quem seriam esses “meninos”.

Nesse trecho, Maria constrói uma identidade de solucionadora de problemas, pois ela teve a atitude de construir o muro e não mais esperar a promessa da vizinha. Além disso, ela se demonstra responsável pela segurança e privacidade de sua família, visto que, por ser mãe solteira, ela se torna a principal zeladora da casa.

No fragmento a seguir, Maria, ao contrário de Silvia, revela insatisfação com o local onde mora, ao responder minha pergunta (linhas 230).

- | | | |
|-----|----------|--|
| 230 | Marília | a senhora gosta daqui? |
| 231 | Maria | eu não... daqui?... nem um pouco... da onde eu moro eu não |
| 232 | | gosto... eu gosto lá debaixo, gosto daqui não... eu <u>odeio</u> aqui em |
| 233 | | cima |
| 234 | Custódia | é mesmo? |
| 235 | Maria | gosto não... eu moro aqui em cima, que eu sou obrigada, que é |
| 236 | | meu né... mas não gosto daqui não... se eu pudesse, já tinha me |
| 237 | | evaporado, eu sou louca pra alugar um quarto lá pra baixo, largar |
| 238 | | eles aí, e sair fora... eu falo mesmo pra eles mesmo, meu negócio |
| 239 | | é sair fora daqui |
| 240 | Custódia | a, mas eles vão pra lá onde tu tá |
| 241 | Maria | não, mas eu tinha que ir pra um lugar bem longe onde eu não |
| 242 | | vejo filhos |
| 243 | Custódia | é, porque aqui é uma barra... maria, cara, luta com esses filhos |
- Fragmento 6.1e – Condições de moradia e suas relações de vizinhança

O descontentamento com o local fica enfatizado na linha 231, em que ela diz não gostar “nem um pouco” do local, em meio a outras negativas ao longo das linhas 231 a 236: “eu não”, “eu não gosto”, “gosto daqui não”, “eu odeio aqui em cima”, “gosto não”, “não gosto daqui não”. Porém demonstra-se impossibilitada

no momento de modificar sua realidade, mudando-se dali: “eu moro aqui em cima, que eu sou obrigada” (linha 235), “se eu pudesse, já tinha me evaporado” (linha 237), deixando indícios com o pronome possessivo de primeira pessoa do singular de que o motivo desse impedimento é o fato de ali ser casa própria (“que é meu né”) e também poderia ser inferido que ela não teria pra onde ir, nem condições para um possível aluguel.

Vale apontar que ter uma casa representa uma relativa segurança material, essencial para os que vivem do próprio trabalho, revestindo-se, ao mesmo tempo, de diversos significados: "consolida uma certa visão de sucesso de uma família, pois representa o resultado do esforço e do sacrifício dos que a obtiveram, compondo positivamente sua reputação familiar; representa um modo específico de alocação do poder familiar; representa enraizamento em uma vizinhança" (Guedes e Lima, 2006, p. 146). Representa também uma certa estabilidade familiar. É interessante notar que seu desejo é ir para um local que teoricamente seria menos confortável em relação ao tamanho (“eu sou louca pra alugar um quarto”), mas com a vantagem de ter uma localização melhor (“lá pra baixo”) e ser longe dos problemas trazidos pelos filhos (“não, mas eu tinha que ir pra um lugar bem longe onde eu não vejo filhos”).

Finalizando o fragmento, a fala de Custódia traz a justificativa do motivo desse desejo de distância dos filhos: “é, porque aqui é uma barra... maria, cara, luta com esses filhos”, o que minimizaria, talvez, a identidade de mãe negligente que Maria poderia ter co-construído nesse momento, visto que, Custódia revela que Maria já teria tentado viver em tranquilidade com os filhos. A agente parece querer remodelar ou reconstruir a identidade de sua vizinha, mostrando que Maria passa por problemas sérios conotados aqui pelos termos “barra” e “luta” (linha 243). Dessa forma, Maria teria reais motivos para não querer mais cumprir o seu papel social de mãe cuidadora.

A importância das relações sociais na vizinhança, está registrada em vários estudos sobre bairros de trabalhadores. Hoggart (1973), ao investigar distritos análogos na Inglaterra, já afirmava que "toda a gente sabe a vida de toda a gente" (p. 73). Segundo Guedes e Lima (2006), no Brasil, podem ser feitas observações semelhantes sobre esse tipo de região, ocorrendo o mesmo em Vila Rosário.

Há, ao mesmo tempo, um profundo interesse uns pelos outros e uma grande preocupação em controlar as impressões (como, por exemplo, aquelas que podem

ser interpretadas como excessivo empobrecimento ou, ainda, aquelas que constituem a qualidade valorizadas do ser trabalhador) (Guedes, 1997).

Nessa perspectiva, a família atua como uma "equipe", no sentido sugerido por Goffman (1985), zelando por sua privacidade na casa e de sua reputação no local de residência. Todavia, não se trata de "cenários ou máscaras que um sujeito usa e desusa", mas "de esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias" (DaMatta, 1985, p. 41).

Na realização física da forma específica de privacidade familiar, na casa dos trabalhadores, segundo Santos (1981), destacam-se padrões arquitetônicos oriundos de outras classes sociais, como varandas e corredores. Segundo o mesmo autor, suas dimensões, na maioria das vezes, são tão reduzidas que parecem ter não um uso prático, mas um valor simbólico.

Somando-se a essas variações de um modelo idealizado de casa, encontram-se também em locais periféricos, e não seria diferente em Vila Rosário, os "puxados" ou "puxadinhos", construções (tão ou mais precárias que as originais) que aumentam horizontal ou verticalmente as edificações. Uma característica essencial do "puxado" é a sua relativa independência em relação à casa a que se liga, aspecto enfatizado sobretudo nas entradas, evidenciando a liberdade de movimentação de seus moradores. Grande parte dos "puxados" abriga novas famílias que se formam, ou seja, "responde ao mesmo tempo, à prescrição de residências neolocalis para novas famílias de procriação e às enormes dificuldades para obtê-las" (Guedes e Lima, 2006, p. 139).

Outra forma, também bastante comum em Vila Rosário, é o quintal, reunindo um número variável de casas independentes em um mesmo lote, ocupadas por famílias que são ou que se consideram aparentadas. Segundo Guedes e Lima (2006), essa forma costuma ocorrer em locais cuja ocupação data de algumas décadas, época em que os lotes, nas regiões periféricas, eram maiores.

No Morro do Sossego, há também casas que foram projetadas já prevendo possíveis expansões, sempre contemplando a possibilidade de relativa independência dos novos acréscimos. Por isso, as lajes são de tamanha importância, valorizando a casa. Podem constituir tanto em um espaço para comemorações quanto para a secagem das roupas, mas representam,

principalmente, a possibilidade de ampliação futura da casa, daí, os vergalhões das pilastras sempre à mostra na parte mais alta da casa.

O cenário do Morro do Sossego apresenta-se, então, como um entrelaçado complexo de casas com dimensões distintas, em diferentes estágios de construção e conservação, sendo necessário um olhar mais atento para distinguir as relações que mantêm entre si. Essa paisagem é, de certo modo, a materialização da valorização simultânea da organização nuclearizada da família e das redes de parentesco e vizinhança que alargam as relações da família.

6.2. O acesso aos serviços públicos

Por se tratar de uma região periférica e repleta de problemas, não é de se estranhar que haja dificuldade de acesso aos serviços públicos mais básicos como saúde e educação. Nesta seção, serão analisados alguns fragmentos cuja discussão gira em torno dessas dificuldades.

A primeira a trazer sua contribuição para o tópico é Silvia, apresentando, de maneira indireta, o problema de falta de creches na região:

56	Silvia	eu também não posso trabalhar porque eu também não tenho com
57		quem deixar ele ((o caçula)), aí meus filhos tudo estuda, a michele

Fragmento 6.2a – O acesso aos serviços públicos

No fragmento, a entrevistada traz o que ela parece considerar um problema acarretado por uma carência, ou seja, o fato de não poder trabalhar para melhorar as condições de vida da sua família tem origem na falta de vaga em uma instituição pública que possa cuidar de seu filho mais novo durante o horário de trabalho. No sentido de proteção da criança, em consonância com Dauster (1992), a creche não é o ideal, mas seria um mal menor para que a criança não estivesse sem um responsável, “largada” na rua.

Sem creches na região, Silvia recorre à escola pública municipal, que é responsável apenas pelas crianças da região a partir da classe de alfabetização (1º ano do Ensino Fundamental), sem sucesso:

60	Silvia	aí quem ficou sem estudar foi ele, que a gente não consegue no;
61		nesses colégios, no:, lá no anil ali, não consegui pra ele, só que

62 ele vai fazer cinco anos, vai fazer cinco anos agora em maio↓
 63 Custódia ele tem quantos anos?
 64 Silvia ele vai fazer cinco agora em maio
 65 Custódia é, porque agora o colégio público, só com seis anos
 66 Marília °é ele tá quase na idade de irº
 67 Silvia é:, mas até que agora, eles tão pegando as crianças acima de
 68 cinco anos
 69 Custódia a tá?
 70 Silvia até que agora eles tão, só que eu na- não consegui pra ele () eu
 71 tava com uma vaga () eu consegui a vaga do meu neto, que o
 72 meu neto vai fazer seis anos agora em: maio, dia dez de maio,
 73 ele faz cinco final de maio, aí eu pedi, pra, do meu neto, mandei
 74 passar pra ele () quiseram não↑
 Fragmento 6.2b – O acesso aos serviços públicos

Entre as linhas 70 e 74, Silvia traz a situação em que tentou fazer uma permuta a partir de uma vaga que já havia sido cedida a ela como responsável para uma outra criança que ela diz ser seu neto, que ainda não havia completado a idade mínima estipulada pela escola, mas que ainda a completaria no mesmo ano letivo.

Ao trazer essa situação, Silvia, parecia desconhecer ou desconsiderar (na época em que ela ocorreu) a regra da escola pública em que tentou fazer a troca da vaga, recorrendo, ao que parece, à pessoalização do seu atendimento. Talvez, pela constante dificuldade de acesso aos serviços e pela permanente exposição às vicissitudes de uma socialização na qual suas idiossincrasias são dissolvidas no interior de relações parciais e familiares, a entrevistada tenha tentado a troca, mediante o lado emotivo de sua situação de não ter com quem deixar seu filho mais novo e querer trabalhar. Na construção desse episódio em que vai à escola fazer a solicitação, ela utiliza os verbos “pedi” e “mandei”, marcando uma tentativa de aproximação com a instituição. E o desfecho desse evento se dá com a expressão: “quiseram não”, como se os responsáveis pela escola pudesse ceder a vaga por sua própria vontade.

Neste capítulo, ao longo das entrevistas me deparei com questões que estão fora das casas dessas famílias, mas que estão diretamente relacionadas aos seus cotidianos: as relações de vizinhança e o acesso (ou falta dele) aos serviços a que todo cidadão tem, ou ao menos deveria ter, direito.

Quanto às relações de vizinhança trazidas apenas por Silvia e Maria, elas se apresentam conflituosas ou, ao menos, na iminência de um embate. Nesse contexto, então, são co-construídas identidades como as de vizinhos desrespeitosos às regras básicas de privacidade, que poderiam ser quebradas, ao que parece, caso houvesse algum parentesco (de fato ou por consideração). Outras identidades trazidas ainda no contexto de vizinhança são as identidades de pessoas despegadas aos bens materiais, pacíficas (Silvia) e proativas na resolução de pendências (Maria).

Como observei, todas essas identidades internas à própria comunidade se deram na entrevista devido a ideia da casa como patrimônio material carregado de simbolismo, responsável pela proteção, privacidade e, muitas vezes, como demarcador da configuração de uma família.

Quanto ao acesso ou não aos serviços, a fala de Silvia revela uma das muitas carências existentes na região de Vila Rosário: a inexistência de creches. Relacionadas a essa conjuntura, eis que se desvelam duas outras identidades co-construídas por Silvia: uma que se repete, a de mãe zelosa, visto que ela não deixaria o filho caçula sozinho ou sob os cuidados de um outro filho seu; e a identidade de uma mulher disposta a auxiliar no sustento da casa. Porém, sem a existência dessa instituição pública, Silvia perde a oportunidade de melhorar o padrão de renda da casa.